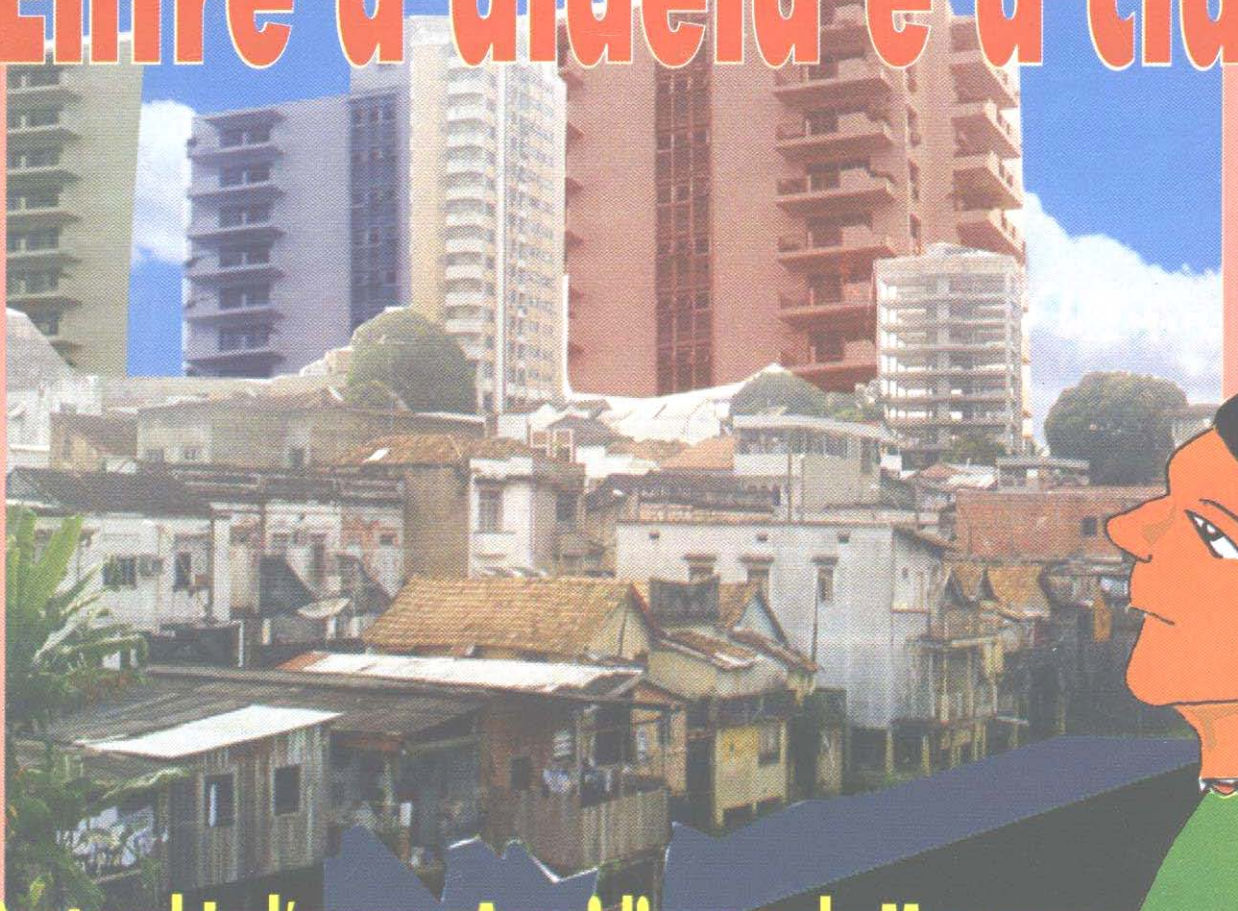


Entre a aldeia e a cidade




Pastoral Indígena - Arquidiocese de Manaus

De acordo com levantamento feito pela Pastoral Indigenista de Manaus - PIM, há pelo menos oito mil indígenas, de vários povos, vindos de várias regiões do Amazonas, morando na capital, Manaus. Com uma população em torno de um milhão e meio de pessoas, Manaus sofre de todos os males de uma grande cidade. Os bairros da periferia tornaram-se inchados, com problemas de toda ordem, desde as precárias condições de moradia, à falta de infraestrutura de saneamento básico, elevado índice de criminalidade e violência, falta de assistência adequada à saúde e educação, entre tantos outros.

O mais grave de tudo isso é a falta de perspectiva de quem mora nessas localidades. A cada dia aumenta o número de desempregados e subempregados, mas sobra ainda muita gente que não consegue arranjar trabalho de espécie alguma. Uns são levados para o tráfico ou para a prostituição.

É nesse cenário dramático que encontramos milhares de indígenas. As razões para terem saído de suas aldeias para morar em Manaus são as mais diversas. Algumas moças foram trazidas para trabalhar como empregadas domésticas em residências. Outros, porque as condições de vida em suas aldeias tornaram-se bastante precárias e, por uma razão e outra, supunha-se que em Manaus, com a Zona Franca e a indústria e o comércio "oferecendo" emprego para todos, realizava-se uma ilusão de vida melhor.

Porém, os indígenas que vivem na cidade encontram-se em situação ainda pior do que a população marginalizada das periferias. O preconceito parece uma muralha intransponível: separa o sonho de viver melhor, com dignidade e esperança, da realidade de exclusão social.



A Pastoral Indigenista de Manaus quer contribuir na busca de uma solução para este problema. Consideramos que uma das primeiras medidas é mostrar para as comunidades indígenas as implicações da migração, a realidade do dia-a-dia de uma grande cidade e incentivar discussões em torno da melhoria de vida nas aldeias. Começamos com a elaboração desta cartilha, resultado de um trabalho anterior que envolveu o professor José Aldemir de Oliveira, do Departamento de Geografia da Universidade do Amazonas e o Regional Norte I do Cimi - Conselho Indigenista Missionário, além de outras pessoas cuja contribuição foi de vital importância.

Esperamos que esta primeira publicação avance no sentido de criar outros espaços de conscientização e permanente busca de solução para todos os problemas que atingem os indígenas de Manaus e de outras cidades.

Manaus - Amazonas, junho de 2000

Pastoral Indigenista de Manaus
Arquidiocese de Manaus

Apresentação	03
Índice	06
Entre a Aldeia e a Cidade	07
Migração Indígena para a cidade	09
Saúde - Um dos motivos da ida para Manaus	13
Moradia	17
Terra Indígena	21
Trabalho	23
Economia	27
Educação	29
Relações Sociais	31
Organizações Indígenas	33
Vida Religiosa	35
O retorno	37
Anexos	40
Glossário	41

Entre a aldeia e a cidade

Um dos problemas que vem preocupando os povos indígenas e as entidades que os apóiam como o CIMI, por exemplo, é a saída dos índios de suas aldeias para as cidades. Trata-se de uma questão tão antiga quanto a fundação das primeiras cidades na região no século XVII, tendo ao longo da história regional períodos de maior intensidade, como por ocasião da extração da borracha - meado do século XIX e início do século XX - e a partir da fundação da Zona Franca de Manaus, em 1965.

Assim, a presença de índios no contexto urbano sempre foi uma constante na Amazônia, mas nunca foi uma preocupação importante do governo nem do movimento indígena recente. A própria Antropologia brasileira, no que se refere à questão indígena, tem seus alicerces teóricos e metodológicos “fincados” no limite da aldeia, da área indígena, ou seja, numa certa tradição ruralista do indigenismo brasileiro, que marca de certa forma toda a ação indigenista (oficial e não-oficial) no País. Dessa forma, os índios da cidade foram e são os mais esquecidos.

A legislação que trata dos direitos indígenas silencia sobre os “índios da cidade” ou “índios urbanos”, o que pode dar a entender que eles têm os mesmos direitos dos índios não-urbanos, ou seja, daqueles que moram nas aldeias propriamente ditas. Mas, na prática, isso não tem sido demonstrado. Os índios “da cidade” não conseguem atendimento diferenciado, em relação à saúde, educação, etc... como prevê a legislação. Outro agravante, é a forte

discriminação que essa população sofre na cidade. Isso faz com que a maioria não se identifique como indígena, tornando difícil se saber quantos índios moram em cidades como Manaus, por exemplo.

Um censo realizado pela Pastoral Indigenista de Manaus em conjunto com o Cimi Regional Norte I, concluído em 1996 e que serviu de base para esta Cartilha, entrevistou 163 famílias, de 143 casas, totalizando 835 indivíduos. Com base nesses dados estima-se que tenha em Manaus cerca de 8.500 indígenas.

O censo constatou também que a maioria dos indígenas residentes hoje em Manaus migrou dos anos 60 para cá, período da instalação e implementação da Zona Franca de Manaus. Como motivos dessa migração, os indígenas apontaram a busca de trabalho como o principal fator que os levou a saírem de suas aldeias para Manaus. Outras questões como invasões e perda das terras, a falta de saúde, de educação... são apontadas também como responsáveis pela migração aldeia/cidade. Ou seja, a migração indígena para a cidade, tem como origem a implementação ou ausência, de determinadas políticas públicas na região.

A presente Cartilha tem por objetivo discutir essa problemática não só entre os missionários do CIMI, mas, sobretudo, entre os índios. Para ajudar o debate, o texto foi dividido em ...partes e cada uma delas abordará um assunto, procurando relacionar os problemas, as dificuldades, os conflitos e as tentativas de solução que vem ocorrendo, tanto na cidade como nas aldeias.

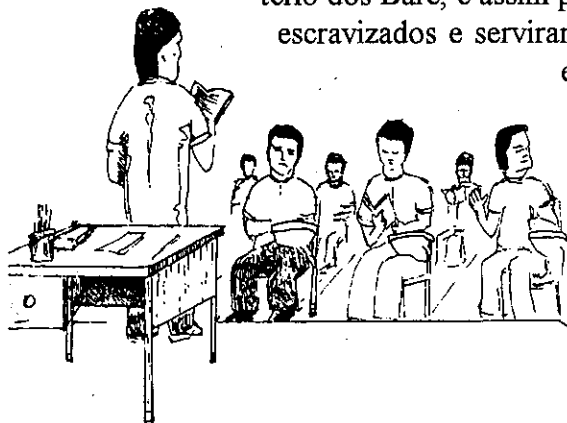
O texto aborda os assuntos numa linguagem simples e direta, mas procurando sempre levantar questões que possam ajudar o debate. É com essa finalidade que no final de cada parte, são propostas três ou quatro questões para serem refletidas. É claro que fica a critério do grupo discutir as questões propostas no texto ou formular outras de acordo com a realidade local.

Migração indígena para a cidade.

Objetivo: *Nesta primeira parte da cartilha vamos conversar sobre a migração indígena para a cidade, ou seja, como e por que os índios saíram de suas terras, de suas aldeias e foram para a cidade.*

Narrador: Era uma bela manhã na aldeia do Sol. O professor estava dando uma aula especial não somente para seus alunos, mas também para homens e mulheres da aldeia. A matéria era História da Amazônia. Todos estavam muito interessados.

Professor: ...pois é parentes, os índios sempre moraram nas cidades e foram os primeiros moradores de muitas delas. A maioria das cidades da Amazônia foi fundada em cima das aldeias e cemitérios dos nossos parentes: a cidade de Fonte Boa, era uma aldeia Cambeba; Parintins era povoado dos Parintintin e dos Sateré; Manaus foi fundada em cima de um Cemitério dos Baré, e assim por diante. É, mas não foi só isso. Os índios foram escravizados e serviram como **mão-de-obra** na construção das igrejas, escolas, hospitais, ruas e prédios das cidades.



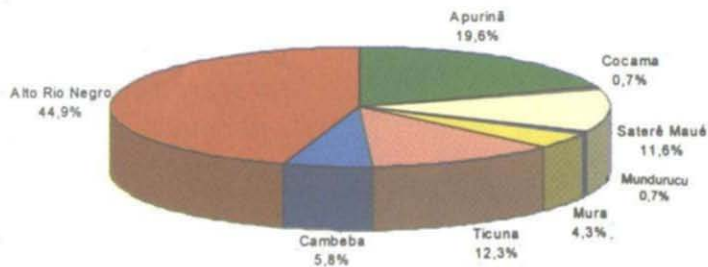
Aluno: Mas como os brancos conseguiram escravizar os indígenas?

Professor: Os colonizadores (brancos) fizeram guerras contra os povos indígenas, destruindo aldeias e prendendo muitos índios que passaram a trabalhar para os brancos. Mas não foi só isso, eles utilizaram também a **catequese**

Acervo ISA
e aproveitaram as brigas e guerras dos índios entre si para escravizá-los.

Aluno: Então quer dizer que enquanto os parentes ficavam brigando uns com os outros, os brancos iam dominando cada vez mais?

Professor: É isso mesmo. Mas hoje eles mudaram um pouco as formas de explorar e expulsar os indígenas de suas terras.



Este resultado tem como base 835 indígenas que moram em Manaus, entrevistados pela pesquisa.

Aluno: Como assim?

Professor: Vou explicar. Por exemplo: a construção da Zona Franca de Manaus atraiu muitos parentes para a cidade, com isso suas terras e aldeias ficaram abandonadas e foram invadidas pelos brancos. Mas não foi só isso. O governo abandonou os índios, não demarcou suas terras, não cuidou da saúde, da educação e assim muitos foram para a cidade para tentar melhorar de vida. Além disso, as **missões** e os **militares** ainda levam muitos indígenas para a cidade como empregados e depois os abandonam. É, parentes a história continua...

Narrador: O professor ainda estava dando aula, quando o pajé tem mais uma crise de **tuberculose**. Não tendo mais como tratar na aldeia, o tuxaua resolve mandá-lo para Manaus na companhia do professor, pois o pajé nunca tinha saído da aldeia. A viagem de barco foi longa, e entre uma crise e outra da doença, os dois conversavam.

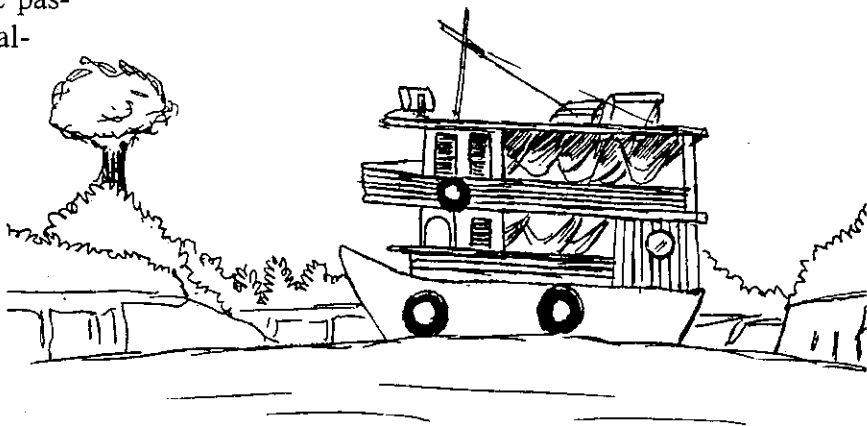
Pajé: Sabe professor, fiquei pensando nos parentes que foram embora para a cidade. Será que eles se deram bem na vida?

Professor: Isso você poderá ver quando chegar lá, mas pelo que eu sei a grande maioria mora nas favelas, não tem emprego, não conseguiu estudar e leva a vida com muito sacrifício.

Pajé: É... ainda mais longe dos parentes, dos nossos costumes... Deve ser muito difícil se acostumar numa cidade grande, né?

Professor: Não é fácil não. Na cidade quem não tem estudo não arruma emprego, nem casa e não consegue colocar seus filhos nas escolas dos brancos. Há também muita violência na cidade (**marginais, galeras...**) e os jovens correm o risco de se entregarem à bebida e às drogas e até de virarem marginais.

Narrador: Os dias se passaram... O barco finalmente chegou em Manaus, mas o pajé ainda teve que esperar um dia inteiro por uma condução que o levasse para a Casa do Índio.



Para reflexão

- 1 - Que tipo de exploração estamos sofrendo dos brancos em nossa aldeia ou bairro?
- 2 - O que levou os nossos parentes ou a nossa família a largar a aldeia e ir para a cidade?
- 3 - Como nos unir para não permitir que os brancos nos explorem mais?

Saúde - Um dos motivos da ida para Manaus

Objetivo: Conhecer melhor a realidade da Saúde Indígena na região e discutir possíveis soluções com toda a aldeia ou grupos de famílias.

Narrador: O Pajé teria que ficar vários meses para tratar a tuberculose. Um de seus parentes, que já morava em Manaus há muitos anos soube que o pajé estava doente, tomou um ônibus e foi visitá-lo na Casa do Índio.

Prudêncio: Oi parente! Como você tem passado?

Pajé: Ah! Parente, estou lutando com essa doença já faz é tempo. Já fizemos muitos remédios na aldeia, mas nada de ficar bom. Resolvi então buscar outro recurso e estou aqui neste lugar que eu não sei nem onde fica.

Prudêncio: Estão cuidando bem de você?

Pajé: Só depois de 10 dias é que consegui falar com o médico. A situação não é fácil aqui. Conheci parentes com doenças que nunca vi na vida...uma situação ruim mesmo.



Casa do Índio - Manaus

Prudêncio: Então você não está gostando do tratamento nem da moradia?

Pajé: Isso aqui faz o índio ficar mais doente ainda. São muitos índios com doenças diferentes e têm que ficar todos juntos. Às vezes, não tem nem comida e quando tem eles só dão no horário dos brancos. Eu não sabia que os parentes eram tão maltratados neste lugar.

Prudêncio: Pois é, mas o senhor ainda não sabe de nada. Aqui na cidade quando a gente vai num Hospital ou num Posto de Saúde tem que dormir na fila, se quiser pegar uma ficha. E quando a gente vai falar com o médico, antes de contar os problemas ele faz logo a receita e nem examina direito o paciente. O pior é quando não tem o remédio no Posto e a gente tem que comprar.

Pajé: Diferente de lá da aldeia, porque cuidamos do paciente até ele ficar bom. Só que de uns tempo pra cá, tem aparecido umas doenças que eu não consigo curar; são doenças dos brancos. Aqui na Casa do Índios vi muitas pessoas com essas **doenças feias**.

Prudêncio: Mas vocês não recebem atendimento médico lá na aldeia?

Pajé: Ah! meu irmão, a FUNAI e FNS só põem as caras lá uma vez por ano, e quando põem!. Tem ano que eles nem vão, se adoecer um paciente e a gente não dá conta de curar, morre lá mesmo.



Paciente na Casa do Índio

está formando Agentes de Saúde e voltando a usar os **remédios tradicionais**?

Pajé: Mas é isso que nós estamos fazendo lá, e tá dando certo, viu !.. A gente está lutando também para implantar os Distritos Sanitários de Saúde Indígena junto com outras aldeias da região. Sabe, isso é para cuidar melhor das doenças que a gente não dá conta de curar e também para garantir que o governo nos atenda do jeito que a gente quer.

Prudêncio: É, isso vai ser uma boa para vocês. Aqui na cidade agora que a gente está procurando se organizar nessa área de saúde.

Pajé: Mas você sabe que eu não agüento mais aqui, me sinto sozinho, quero ir embora pra minha aldeia, não quero fazer como outros parentes que vieram pra cá e não voltaram mais.

Prudêncio: Mas, se o senhor não terminar o tratamento, a doença vai voltar. O senhor podia ir lá pra minha casa terminar de tomar o remédio. A nossa casa não é grande, mas dá pra mais um. Pelos menos o senhor fica perto dos parentes.

Narrador: O pajé aceitou a proposta e foi para a casa de seu parente. Muitos índios não têm a mesma sorte e ficam na Casa do Índio até o final do tratamento. Porém muitos acabam fugindo ou voltando para suas aldeias ainda doentes, pois não conseguem ficar lá.

Para reflexão

- 1 - Quantos parentes nossos foram se tratar na cidade e acabaram ficando por lá mesmo?
- 2 - O que podemos fazer para enfrentar as doenças dos brancos: Tuberculose, Doenças Venéreas, Sarampo, Malária e outras?
- 3 - O que podemos fazer para exigir do governo o nosso direito à saúde gratuita?
- 4 - Como podemos utilizar melhor os nosso remédios tradicionais?

Moradia

Objetivo: Discutir a questão da moradia na cidade comparando com a aldeia, no sentido de mostrar as diferenças e problemas para as famílias que migraram para Manaus.

Narrador: Prudêncio e o Pajé pegaram um ônibus e foram em direção ao Bairro de Jorge Teixeira. A viagem foi longa, o pajé chegou cansado. Todos o receberam com carinho e saudade e quiseram saber logo as novidades. O pajé, porém, estava um pouco espantado com a realidade da periferia: a cidade que ele tinha visto quando foi do porto para a Casa do Índio era bem diferente daquela que estava à sua vista.

Narrador: Já mais calmo e descansado iniciaram um bate-papo.

Pajé: Como vocês conseguiram esse pedaço de terra e essa casinha?

Prudêncio: Ah! isso foi com muito esforço nosso. Soubemos através dos brancos



Bairros	nº de casa	Percentual
Jorge Teixeira	13	12.3
São Jorge	2	1.9
Cidade Nova II	2	1.9
Armando Mendes	3	2.8
Cidade Nova V	1	0.9
Betânia	3	2.8
Mutirão / Amazonino	4	3.8
Compensa	5	4.7
Compensa II	11	10.4
Amazonino Mendes	2	1.9
Raiz	6	5.7
Nova Luz	3	2.8
Petropolis	2	1.9
Matinha	5	4.7
Zumbi	7	6.6
Nova Floresta	4	3.8
Santo Agostinho	3	2.8
Aleixo	3	2.8
Cofasa	1	0.9
São José	2	1.9
Cidade de Deus	2	1.9
Tancredo Neves	5	4.7
Japiim	1	0.9
Crespo	2	1.9
Aparecida	1	0.9
Beija Flor	2	1.9
Cachoeirinha	1	0.9
Centro	1	0.9
Lírio do Vale	2	1.9
Nova Esperança	2	1.9
Terra Nova	1	0.9
Sto. Antônio	1	0.9
Bairro da Paz	1	0.9
Vieira Alves	1	0.9
São Francisco	1	0.9

que iam fazer uma invasão aqui e a gente foi. Então a gente se juntou aos brancos e começou a derrubar e limpar a terra, depois a gente se dividiu: cada uma ficou com um pedaço.

Pajé: Mas agora a casa é de vocês mesmo com documento e tudo?

Prudêncio: Bem, a gente tem uma promessa da prefeitura de que ela vai entregar o Título Definitivo no final do ano. Mas enquanto ela não dá o documento nós vamos ficar por aqui mesmo.

Pajé: É, lá na aldeia não tem esse problema, a terra é grande e quem vai casando vai fazendo sua casa onde quiser.

Fonte:
Pesquisa
de
Campo/CIMI
Norte I,
1995/1996.

Prudêncio: O pior é que tem outros problemas. Aqui ainda não chegou água encanada, e a gente tem que pegar água na cacimba. Temos também que obedecer algumas leis dos brancos. Por exemplo: cada casa tem que ter sanitário; temos que juntar o lixo, colocar num saco e jogar no lixeiro; temos que cercar o quintal para não termos problemas com o vizinho e dificultar para os la-

drões.

Narrador: O pajé observou também que a maioria das crianças e jovens não estuda, passa o dia na rua ou na frente da televisão e não acredita mais nos pais e nas pessoas mais velhas. Na sua aldeia isso tudo era muito diferente... Prudêncio, por sua vez, demonstrou muita preocupação com o futuro.

Prudêncio: É, parente, aqui a gente não sabe muito como vai ser no futuro. A família vai aumentando e a casa, como você está vendo, é muito pequena. Para o filho mais velho, eu já dei a parte de trás do quintal, mas para os outros... não sei como vai ser. Tenho medo da gente se espalhar e o nosso povo se acabar; as crianças, nem querem ser mais índios...

Pajé: É parente tudo mudou mesmo! Antes, nossa casa era uma grande maloca, tinha espaço para todos. Com o tempo, nossas casas foram mudando. Agora, cada família já quer sua casa igual a dos brancos. Na aldeia ainda tem uma vantagem, tem terra para todos. Mas esse negócio de sair da aldeia pra cidade tá muito na cabeça dos parentes. Já pensou se a gente abandonar a aldeia? Vamos perder a nossa terra!



Para Reflexão

- 1 - Por que nossas casas mudaram do que era antes para o que é agora?
- 2 - Onde é melhor para morar, na aldeia ou na cidade? Por quê?
- 3 - O que podemos fazer para que nossos parentes não abandonem a aldeia?

Terra Indígena

***Objetivo:** Hoje vamos conversar um pouco sobre a terra, principalmente sobre o seu valor cultural para os Povos Indígenas.*

Narrador: O Pajé se encontrava ainda doente. estava se recuperando na casa de seu parente em Manaus. Ele assistia televisão juntamente com Prudêncio e sua mulher Hortência. De repente, a luz faltou. Já que não tinha como continuar assistindo televisão, o jeito foi prosear à luz de vela.

Pajé: Não vejo a hora de voltar pra minha aldeia. Esse mês a gente vai encovairar para o plantio de macaxeira.


Prudêncio: É, aqui na cidade nem espaço a gente tem para plantar. Já viu o nosso quintal? Mal dá pra plantar sequer um pé de caju.

Pajé: A terra para nosso Povo é vida. Sem ela, uma parte do índio morre. É nela que fomos criados e é nela que aprendemos a viver melhor.

Hortência: Sinto muita falta de comer uma caça. Festejar a colheita do roçado.

Prudêncio: Pra não falar das pescarias. Lembra Hortência, daqueles tambaquis e pirarucus que a gente pescava. Bicho de casco nunca mais vi e muito menos peixe-boi.

Pajé: A terra é sagrada. dela tiramos nosso sustento. Sem ela, a vida fica sem sentido. É por



isso que os índios chegam a perder até mesmo as suas vidas por causa da luta pelo direito à terra.

Hortência: Antigamente, toda a terra do Brasil era nossa. A gente tinha espaço para viver a nossa Cultura. Hoje, depois que chegou aqui o homem branco, a terra nossa foi roubada e resta para os Povos Indígenas apenas uma pequena parte e, mesmo assim, ainda tem muitos brancos de olho na nossa terra.

Pajé: Por isso é importante a união dos Povos Indígenas. Só assim a gente vai conseguir assegurar a demarcação das nossas terras. É, o governo tem que respeitar o nosso direito que esta na Constituição do Brasil e demarcar o nossa terra.

Prudêncio: Outra coisa é lutar para que a gente tenha tudo na terra, para que os outros parentes não venham para a cidade como a gente veio. Caso contrário, a terra vai ficar abandonada. E olha que tem terra de índio abandonada por aí! Temos que tomar cuidado.

Hortência: Terra pra índio não é só o chão. É também as árvores, as caças, os peixes, os rios, os lagos...Aqui na cidade, se a gente quer andar, tem que pegar ônibus e mesmo assim nunca andamos em terra que seja nossa.

Para Reflexão

Agora vamos conversar sobre o que ouvimos falar:

01 - Que valor tem a terra para o índio?

02 - O índio que mora na cidade tem direito à terra? Sim ou Não? Por quê?

03 - Como nós podemos participar da luta para a demarcação das Terras Indígenas?

Objetivo: *Conhecer os diferentes tipos de trabalho na aldeia e na cidade e conversar sobre os problemas e os desafios que enfrentamos hoje.*

Narrador: Os dias passavam lentamente. O Pajé melhorou mas ainda tinha que ficar alguns meses para terminar o tratamento. A alimentação era pouca e diferente daquela da aldeia. O pajé resolveu trabalhar para ver se a situação melhorava.

Pajé: Parente, você não tem um trabalho que eu possa fazer pra ajudar nas despesas?

Prudêncio: É, aqui e gente trabalha mais no artesanato e uma banquinha que eu tenho lá na feira. Você pode dar uma força no artesanato.

Pajé: Lá na aldeia a gente faz artesanato, mas é para nosso uso mesmo, aqui é vendido?. E vende muito?

Prudêncio: A venda é muito pouca. A gente não tem muito material e as lojas pagam quase nada e não dá muito lucro.

Pajé: Que tipo de trabalho fazem outros parentes que moram aqui na cidade?



Prudêncio: Bem, tem uns que são ajudantes de pedreiro, outros são carregadores lá pelo beradão; uns são vigias ou carpinteiros e assim vai... Tem mulheres e moças que trabalham em casa de famílias como domésticas. O pior é que quase ninguém tem carteira assinada e ganha muito pouco.

Pajé: Na viagem pra cá, o professor me disse que muitos parentes vieram pra trabalhar nas fábricas da tal de Zona Franca. Tem parente trabalhando lá?

Prudêncio: Ah! parente, isso só foi uma enganação. A gente chega lá pra pedir emprego eles exigem experiência no trabalho e muito estudo: só coisa que a gente não tem. A gente vem lá da aldeia no máximo com a 4ª série, não consegue disputar emprego com um monte de branco que tem mais estudo que nós.

Na pesquisa feita não foi encontrado nenhum índio que trabalhasse na Zona Franca

Pajé: É, pelo que você me disse tem muito parente nosso sem emprego por aí dando duro na vida. A vida na cidade é ruim mesmo, né?

Prudêncio: É isso mesmo parente. Aqui a gente trabalha muito e ainda é explorado pelo patrão. Mas eu acho a cidade muito bonita, tem muitas coisas, tudo o que a gente precisa tem. O problema é que tudo custa dinheiro e só tem dinheiro quem tem emprego bom.

Pajé: É, você tem razão. Pelo que eu vejo neste bairro não é só os índios que passam por essa situação, tem muitos brancos que sofrem muito também: vivem na cidade, mas não podem aproveitar o que ela tem de bom.

Prudêncio: O pior colega, é que a gente vê que a sociedade dos brancos está tão mal organizada e é tão injusta, que nem eles mesmos se entendem. Tem muita gente com muito estudo que passa fome, porque não arruma emprego. Parece que eles criaram uma sociedade só para

algumas pessoas viverem bem, enquanto a maioria vive muito mal.

Pajé: Sabe, às vezes, eu fico lembrando. Lá na aldeia a gente trabalha muito, mas quando tem festa e outras coisas todos participam desde as crianças até o tuxaua. Não tem discriminação, todo mundo é igual. Não tem uns ricos que mandam e uns pobres que sofrem. Na aldeia a gente não é humilhado, nas filas de emprego, todos trabalham pra viver.

Para reflexão

- 1 - Que tipo de trabalho realizamos na aldeia e na cidade?
- 2 - Que tipo de exploração no trabalho sofremos tanto na aldeia como na cidade?
- 3 - Que tipo de trabalho comunitário podemos fazer para melhorar a nossa vida na aldeia ou na cidade?

Economia

Objetivo: Refletir sobre a situação econômica das famílias e discutir soluções para o futuro?

Narrador: O pajé ficou impressionado porque tudo na cidade custa dinheiro desde a água, a luz, a comida e até mesmo o transporte.

Pajé: Sabe parente, eu estava pensando: na aldeia a gente pesca, caça, faz farinha, colhe frutas, nada disso custa dinheiro. Aqui parece bem diferente e difícil.

Prudêncio: Não é mentira não! Aqui tudo o que a gente ganha vai tudo na comida e no ônibus. O pior é que fica faltando para comprar material escolar para as crianças, roupas e remédios.

Pajé: É, e pelo jeito aqui se gasta muito dinheiro com roupas e ônibus. A gente só vê ônibus cheio. Também pra qualquer lugar que se vá tem que ir de ônibus.

Prudêncio: Ah! parente e os jovens só que-



rem andar com roupas nova e ter tudo quanto é festa. Às vezes, deixam até de comer para gastar com roupa, bebida e festa.

Pajé: Lá na aldeia às vezes também a gente precisa de dinheiro, mas é só para comprar algumas panela, sal, café e algumas roupas. O resto a gente se vira. Mas lá dentro da aldeia a gente não vende nada para nossos parentes, só para o regatão.

Prudêncio: Aqui a gente já não ganha quase nada e ainda tem que guardar um pouco para os momentos de aperreio pra quando não estamos trabalhando e pra quando adoecer alguém na família. Guardamos também para construção da casa. Enfim, na cidade o dinheiro da gente tem que ser bem divididinho.

Pajé: É, esse negocio de dividir e guardar comida para outro dia eu não entendo não. Lá na aldeia a gente come até não querer mais, até acabar, e no outro dia vai buscar de novo. Na nossa terra tem de tudo.

Para reflexão

- 1 - Como será a situação futura na cidade e na aldeia?
- 2 - É necessário juntar dinheiro para se ter um futuro melhor? Como?
- 3 - Por que o dinheiro é importante para o nosso povo ou família?
- 4 - Além do dinheiro, que outra forma encontramos para conseguirmos o que precisamos para a nossa comunidade?

Educação

***Objetivo:** Educação é o assunto de hoje. Vamos aproveitar o momento para ver se o nosso Povo tem conseguido o direito de receber uma boa educação.*

Pajé: Hoje eu escrevi pra a Maria, minha mulher, avisando que daqui a uns vinte dias vou voltar pra minha aldeia. Já estou me sentindo bem melhor de saúde. O pessoal da aldeia tá precisando de mim por lá. O professor já até mandou um recado.

Prudêncio: Ele é professor há muito tempo, né? E a escola da aldeia melhorou?

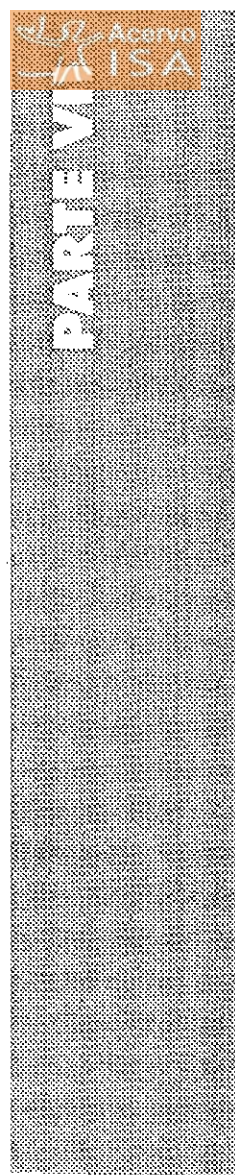
Pajé: Ele já está como professor da aldeia há dez anos. Ele ensina na língua do nosso povo e também na língua portuguesa. E lá é nós mesmo que dirige a escola. É toda a aldeia que decide o que vai ser ensinado para as crianças e o horário das aulas.

Prudêncio: Mas pra quê ensinar nas duas línguas?

Pajé: Ele ensina na nossa língua pra nós preservar e valorizar a nossa cultura. O português é ensinado pra que o nosso Povo saiba se defender melhor contra aqueles brancos que só querem explorar e também pra gente se relacionar melhor com eles.

Prudêncio: O prefeito e a FUNAI tem ajudado?

Pajé: Ajuda muito pouco. Os políticos só aparecem mais na época das eleições, depois somem. Falta material escolar, merenda e até mesmo giz. A escola está precisando de uma reforma urgente. Tem pouca reciclagem pra o professor, mas a gente não pode é desanimar!





Hortêncio: Pois é, aqui na cidade tem até muita escola, mas o número de aluno é muito alto. A Joana, minha filha, não estuda porque não tem vaga na escola. O Roberto não pode estudar porque tem que trabalhar pra conseguir um dinheirinho a mais. E depois, não dá pra colocar todos os filhos na escola. Ninguém agüenta comprar material escolar e pagar o ônibus todo dia pra levar os meninos pra escola. É um sufoco!

Pajé: É, se na aldeia é difícil, na cidade ainda é pior. Veja que são poucos indios que conseguem chegar a um estudo mais elevado.

Hortêncio: Aqui na cidade, nem tempo pra conversar com os filhos a gente tem. na aldeia, o tuxaua reunia com a

gente e ensinava muitas coisas boas da nossa vida, da nossa cultura.

Pajé: É, os nossos parentes mais velhos ensinam toda a nossa história só falando, sem ter que escrever nada. São gente de muita sabedoria. Mas na cidade isso já era!

Para Reflexão

Vamos comentar um pouco sobre essas conversas que escutamos:

- 01 - Como são as nossas escolas?
- 02 - Que ajuda temos recebido do governo pra melhorar o ensino em nossa aldeia?
- 03 - O que temos feito para melhorar a nossa educação? Temos ajudado o professor?
- 04 - Como lutar para que nossos filhos continuem estudando na nossa própria aldeia?

Relações Sociais

***Objetivo:** Os Povos Indígenas foram levados a conviver com pessoas de costumes bem diferentes, ou seja, com os brancos. Hoje, falaremos sobre as nossas relações entre a gente mesmo e entre nós e os brancos.*

Narrador: O Pajé recebeu uma carta de Maria, sua mulher, que se encontra na aldeia.

Prudêncio: Pajé, tem carta pra você. E é da sua mulher. Abra rapaz, vamos ver o que ela conta de novidade!

Pajé: Prudêncio, a Maria está sentindo a minha falta. Ela diz que se eu tiver me sentindo melhor é pra eu voltar logo pra aldeia. Ela conta que os curumins mandam abraços, querem presentes e me aguardam com um pedaço de antá assado. Que saudade, Hortêncio!

Hortêncio: É pra sentir saudade mesmo. Fico muito alegre quando alguém da aldeia me manda um recado. Tenho muito contato com os parentes. Sempre tem alguém por aqui, seja pra tratar da saúde, seja pra passear ou pra outras coisas. A gente dá pousada e eles ajudam na alimentação. Quando trazem produtos, uma parte eles vendem outra parte dão pra gente.

Pajé: Pois é, a Maria mandou pra nós um saco de pupunha e outro de farinha. Dá pra fazer a festa por aqui!

Prudêncio: Mas rapaz, amanhã iremos fazer uma reunião das famílias do nosso Povo que mora aqui em Manaus. A pupunha já vai servir pra merenda, né?

Hortência: Ah! mas a festa na aldeia era muita mais animada. Lá tinha dança, cantoria e muita fartura de alimentação. A gente comia e bebia até encher a barriga. O tuxaua organizava a gente ajudava com muita alegria.

Pajé: Mas aqui na cidade vocês também se dão bem como os parentes, né?

Prudêncio: A gente aqui em Manaus, procura morar perto um do outro, mas tem parente que mora muito distante. A gente procura se ajudar, mas não é a mesma coisa. Falta espaço, falta o pajé, falta o tuxaua, falta muitas coisas pra gente voltar a ser o mesmo povo. Aqui a maioria das pessoas cuida da sua própria vida e não liga muito para os parentes.

Hortência: Na aldeia, a gente tinha os nossos costumes e eles eram respeitados por todos. Por exemplo, ninguém se casava com branco e, às vezes, nem mesmo com parentes do mesmo clã. Mas aqui na cidade, tem sido muito diferente. A gente vai se misturando, se misturando, daqui a pouco não tem mais índio.

Pajé: É, eu já notei que por aqui a coisa é bem diferente mesmo. O índio é discriminado. O nosso povo não é respeitado pela maioria das pessoas. Tem até índio que não gosta de ser visto como índio. Ainda bem que eu já estou bem melhor de saúde. Semana que vem já vou voltar pra aldeia.

Hortêncio: Ainda bem que você teve sorte de melhorar rápido. Você sabe que tem muitos parentes que vieram tratar de saúde e não voltaram mais pra aldeia.

Para Reflexão

01 - Como nosso Povo vivia antigamente? E como nós vivemos hoje?

02 - Tem algum parente nosso morando na cidade? Onde? Temos tido contato com ele? Como ele está?

Para os índios que morram na cidade. Temos tido contato com nossos parentes da aldeia? como estão eles?

03 - A vida na cidade tem prejudicado o relacionamento entre nós índios?

Organizações Indígenas

***Objetivo:** Refletir como são as organizações indígenas e como podemos participar delas para que tenhamos mais força para defender os nossos direitos.*

Narrador: O pajé volta para a aldeia acompanhado de Prudêncio que aproveita para conversar sobre organização indígena com seus parentes.

Pajé: Hei José, como vai e os curumins? Tudo bem João? E aí Raimundo? Mas rapaz, como você cresceu Joaquim! Pessoal, esse aqui é o parente Prudêncio. Hoje ele é coordenador da Associação das famílias indígenas de nosso povo lá em Manaus.

Maria: Ah! que bom que vocês chegaram! Sua saúde vai bem, Pajé? Seja bem vindo Prudêncio!

Pajé: Tô pronto pra pegar uma canoa e sair por aí faxiando e voltar com a canoa cheia de peixe. Mas, primeiro o Prudêncio queria conversar com a gente sobre Organização Indígena, Maria.

Tuxaua: Vou já, já, reunir a aldeia!

Prudêncio: Sabe parentes nós lá na cidade estamos começando a nos organizar. Nosso Povo já foi muito violentado e continua sofrendo com os brancos que não querem reconhecer os nossos direitos. A Organização Indígena luta pela garantia de nossos direitos.

Tuxaua: Aqui a gente já tem também a nossa Organização que nos representa. Mas temos

também a nossa organização tradicional. O nosso Povo não é um Povo desorganizado.

Prudêncio: É isso aí parente. Se a gente unir as nossas forças com as forças de outros Povos Indígenas, se as aldeias trabalharem juntas, garanto que a nossa vida vai melhorar. Os nossos direitos que estão na Constituição são resultados da nossa luta, da luta de nossas organizações. E elas lutando para que os nossos direitos sejam respeitados pelos brancos.

Pajé: Não é mentira não. Até os índios da cidade já estão se organizando em grupos e em associações. Na cidade é cada um por si e Deus por todos, ninguém quer saber de ninguém. Por isso é importante se organizar. Na aldeia ainda sabemos cooperar, mas aparece certos brancos querendo enganar nosso Povo e sabe que muitos conseguem? Aqui acolá aparece um parente se queixando que foi enganado pelo peixeiro ou pelo madeireiro.

José: Fiquei sabendo que os Povos Indígenas do Rio negro e os Povos do Solimões já estão bem organizados e conseguiram melhorar muitas coisas nas suas aldeias.

Prudêncio: É verdade, as nossas Organizações Indígenas iniciaram há pouco tempo e já conseguiram muitas vitórias para os índios. Muitos índios que já estavam prontos para aventurar a vida na cidade até desistiram da idéia, porque as coisas nas aldeias estão melhorando. Mas temos que participar mais e nos unir mais.

Tuxaua: Tá certo, mas vamos ver com cuidado essa tal de Organização Indígena, vamos pensar muito pra gente não criar organização que nem muitas organizações dos brancos, que só falam, falam mas não fazem nada pelo povo.

Para Reflexão

- 01 - O que já ouvimos falar sobre Organização Indígena?
- 02 - Que vantagem a Organização Indígena traz para o nosso povo?
- 03 - o que podemos fazer para participar mais das Organizações Indígenas?

Vida Religiosa

Objetivo: *Conversas sobre os aspectos religiosos tradicionais de nosso povos e sobre as várias religiões e seitas que estão hoje no nosso meio.*

Narrador: Depois da reunião onde falaram sobre educação indígena, o pajé estava preparando a festa dos espíritos. Enquanto isso, no centro da aldeia Prudêncio e o Tuxaua conversavam.

Tuxaua: Essa é uma festa tradicional do nossos povo. As nossas festas são para os espíritos dos mortos, das árvores, dos pássaros e quando a gente tem uma boa colheita, boa caçada e assim por diante.

Prudêncio: Você sabe que lá na cidade a gente nem ouve falar nisso. Lá o pessoal faz festas nas sedes próprias, faz também festa de casamento, de batizados, de aniversário tudo com música de branco.

Tuxaua: É aqui a gente mantém a nossa tradição e a nossa própria religião. Lá na cidade vocês ainda fazem alguma festa do nosso povo?

Prudêncio: Ah! parente, lá fica muito difícil. Muitos parentes que moram lá não querem ser mais índios, tem vergonha, medo e preferem dizer que são brancos. Depois, lá tem muitas religiões, seitas e igrejas: é católico, é protestante, é macumbeiro e assim por diante. Só de protestante, tem muitas igrejas de tudo quanto que é tipo. A gente nem sabe em quem acreditar.

Tuxaua: Não é mentira não!. Essas coisas só confundem a cabeça do índio. Esse pessoal de

vez em quando aparece por aqui, a gente recebe mas eu logo aviso que já temos religião e eles devem respeitar.

Prudêncio: Você sabe que mesmo na cidade de vez em quando a gente faz uma dança e conversa um pouco na língua para não esquecer a tradição. Só fica difícil porque até os materiais para a dança a gente quase não consegue. Você sabe, na cidade não tem essas coisas.

Tuxaua: É verdade. Pra gente manter esse costume, a gente tem que cuidar bem do pajé. Por isso quando ele adoeceu eu fiquei muito preocupado e procurei logo providência. É ele que entende a natureza e mostra pra gente o melhor caminho.

Prudêncio: Você sabe que quando a gente vai para a cidade a gente perde tudo isso. Já pensou um pajé na cidade...fica todo perdido. Lá ele não vai poder exercer a sua função. Vai deixar de ser uma autoridade, vai ficar triste e quem sabe até se entregar pra bebida. Ainda bem que isso não aconteceu com o pajé de vocês.

Tuxaua: Não é mentira não. Como você estava nos falando outro dia, lá só consegue emprego quem fala bem português e tem um bom estudo.

Prudêncio: Você sabe que, às vezes, eu sinto muito saudade daqui. Um dia desses eu estava pensando até em voltar, mas não sei se a família concordaria. Até lembrei dos parentes que foram embora de Manaus no ano passado. É, mas a festa já vai começar. Amanhã no roçado a gente conversa mais.

Para reflexão

- 1 - Qual a importância do pajé para o nosso povo?
- 2 - Qual a diferença do nosso ritual apresentado na aldeia para os que são apresentados na cidade para os brancos?
- 3 - O que entendemos por religião?

O Retorno

Objetivo: Conversar sobre a possibilidade de uma família voltar para a sua área indígena. Devemos refletir sobre isso lembrando dos casos que já aconteceram e que nós conhecemos.

Narrador: Diante das dificuldades enfrentadas na cidade, algumas famílias tem retornado para o interior para a mesma área indígena ou para um outro lugar. Seu Prudêncio conversa sobre isto com seus parentes durante um almoço no mutirão do roçado comunitário.

Prudêncio: Vocês sabem que outro dia algumas famílias indígenas conhecidas minha saíram da cidade e foram morar numa área próximo de Manaus? É, já tão lá há mais de um ano.

Tuxaua: Será que eles se deram bem por lá?

Prudêncio: A última vez que eu soube deles, eles estavam bem. Já tinham roça grande, as casas já estavam todas prontas e estavam se animando para pôr um motor de luz e um Posto de Saúde na nova aldeia.

Tuxaua: Prudêncio se você viesse morar aqui, você acha que os seus filhos se acostumariam na aldeia?

Prudêncio: Eu não sei não! Eles nasceram na cidade tem todo o costume de lá. Você sabe, o jovem da cidade tem um costume muito diferente do nosso costume, do jeito que nós fomos ensinados.

Tuxaua: Você sabe que um tempo atrás, uma família que foi embora daqui há muito tempo,

queria juntar nossa castanha pra vender na cidade. Eu não concordei. Se eles estivessem morando aqui tudo bem, mas já foram embora!

Prudêncio: É, quando a gente vive muito tempo na cidade a gente muda mesmo. Você sabe que os meus filhos já pensam muito diferente, tem outros interesses, não querem essa nossa vida.

Pajé: É mais eu soube que essas famílias que voltaram estão bem mesmo. Mas eles não voltaram para a mesma aldeia, foram para um lugar novo.



Prudêncio: Eles me disseram que ficaram muito tempo na cidade e não conseguiram trabalho e moradia e por isso foram embora. Agora eles nem pensam em voltar para a cidade.

Tuxaua: É, elas tão mais que certos. Ficar na cidade sem ter o que fazer, não dá mesmo. Eu nem penso em sair daqui. A gente tem que ir trabalhando e melhorando a vida aqui mesmo: colocando uma escola com professor nosso mesmo, um Posto de Saúde para o nosso agente de Saúde, valorizar o nosso pajé e lutar para que a terra não seja invadida.

Prudêncio: É, vocês sabem que aqui vocês estão mais protegidos do que a gente na cidade. Lá além da gente não ter a terra, a FUNAI não nos reconhece como índios e, por isso não temos nenhum tipo de atendimento, nem de saúde nem de educação. Agora que estamos nos reunindo e nos organizando para ver se essa situação muda.

Pajé: É parente não deixe as coisas ficarem assim não. Vão pensando bem, quem sabe não encontram uma solução lá na cidade, ou até uma terra lá próximo onde vocês possam trabalhar e continuar a vida. E se precisarem de alguma coisa a gente está por aqui mesmo.

Prudêncio: É amanhã eu vou embora. Vou conversar lá com o meu pessoal e ver o que a gente pode fazer.

Para Reflexão

- 1 - Já pensamos em sair da aldeia para a cidade? Por quê? O que há de negativo e positivo nisso?
- 2 - Você conhece alguma experiência de famílias que voltaram para sua aldeia? Como foi essa experiência?
- 3 - Se deixarmos a nossa aldeia para ir morar na cidade, como ficará a situação de nossa terra?

- 1 - dados gerais do Censo sobre migração (cf. pág. 10)
- 2 - dados da pesquisa sobre moradia; (cf. pág. 18)
- 3 - dados sobre terras indígenas

Situação jurídico-administrativa das terras indígenas que abrangem a área de atuação do Cimi - Regional Norte I (AM/RR)

O Regional abrange 208 áreas indígenas, sendo 178 no Amazonas e 30 em Roraima. A situação jurídico-administrativa destas terras é a seguinte: A identificar - 72; Identificadas - 15; Declaradas os limites - 14; e Homologadas - 98, destas, 47 registradas.

No Amazonas: A identificar - 61 (a maioria em fase de identificação); identificadas - 11; declaradas os limites - 13; e homologadas - 77 (31 destas estão registradas)

Em Roraima: A identificar - 04; identificadas - 04; declaradas - 01; homologadas 21 (destas, 16 registradas)

** Fonte: Assessoria Jurídica - Cimi Norte I*

Água encanada - é a água distribuída na cidade. Para se ter água encanada é preciso pagar uma taxa todos os meses.

Bairro Jorge Teixeira - um dos bairros de Manaus, onde mora a maioria da população indígena que migrou para cidade.

Cacimba - lugar onde se tira água natural.


Carteira assinada - é um documento do trabalhador assinado pelo patrão, que dá direitos de aposentadoria e outros.

Catequese - ensino ou doutrina de uma religião. Ex.: o trabalho dos missionários ou padres para converter os índios à sua religião.

Censo - informações do modo de vida, do número de pessoas, idade, sexo, renda familiar... de uma determinada população. Fazemos um censo para conhecermos melhor a realidade da população com quem vamos trabalhar

Colonizadores - portugueses, espanhóis e outros que invadiram o Brasil para dominar os índios e explorar o seu trabalho para enriquecer a Europa.

Demarcação de terra - é o ato administrativo pelo qual o governo demarca e Homologa as terras 41

 indigenas. Antes da demarcação tem que fazer a delimitação da área.

Distrito Sanitário de Saúde Indígena - Subsistema do SUS (Sistema Único de Saúde), destinado a prestar assistência aos povos indígenas.

Doenças feias - são doenças que os índios não conhecem e por isso não sabem tratar. Ex.: sarampo, câncer, tuberculose, hanseníase (lépra), etc...

Doenças venéreas - são doenças que se transmite no ato sexual. Ex.: gonorréia, sífilis, AIDS, etc.

Economia - saber equilibrar os gastos para não gastar mais do que ganha; guardar um dinheirinho para não ser pego de surpresa em caso de doença.

Empregada doméstica - é uma mulher que trabalha na casa de uma família.

Experiência no trabalho - quando uma pessoa procura trabalho na cidade

Fábrica - é onde se produz carro, rádio, televisão, etc.

Faculdade - curso superior: medicina, enfermagem, história, direito, geografia e muitos outros.

FNS - Fundação Nacional de Saúde, órgão do governo responsável pela saúde pública de todos os brasileiros, inclusive, dos índios.

Funai - Fundação Nacional do Índio, órgão do governo responsável em dar assistência à saúde, educação, demarcação e garantia dos territórios indígenas.

Galera - grupo de rapazes e moças, geralmente adolescentes, que brigam uns com os outros, roubam, etc.. só ocorre nas cidades grandes por falta de emprego, escola e oportunidade de melhorias

de vida.

Invasão de terra na cidade - grupo de famílias pobres de uma cidade que, por não ter onde morar, invadem terrenos e fazem suas casas sem comprar a terra e sem ter documentos.

Mão-de-obra - pessoa ou grupo de pessoas que realiza um determinado trabalho. Ex.: pessoas que derrubaram um roçado; pessoas que construíram uma escola; etc.

Migração indígena - é a saída de índios de sua região de origem, podendo ser para uma cidade ou mesmo para uma outra região do mesmo município, estado ou país.

Militares - pessoas que fazem parte do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e da Polícia Militar e que trabalham tanto no interior como nas cidades.

Missão - grupo de missionários (padres e freiras) que constroem suas casas e igrejas numa área para desenvolverem seus trabalhos de evangelização dos índios. Ex.: Missão dos Salesianos no Rio Negro; Missão dos Espiritanos em Tefé; Missão dos Consolatas em Roraima; etc.

Muito estudo - pessoas que estudam muitos anos, fazem segundo grau, curso superior “universidade”.

Mutirão - é um grupo de pessoas que se organizam para trabalhar juntos para fazer um roçado, uma casa, etc...

Ônibus - é um carro com capacidade para 50 pessoas que transporta moradores de uma cidade.

Organização indígena - são as organizações criadas pelos índios para ajudar na luta pela terra, por saúde e educação e outros. Ex.: COIAB, FOIRN, Uni-Tefé, etc.

Organização tradicional - é como um povo se organiza para trabalhar, festejar, dançar, fazer remédio, etc...

Periferia - parte de uma cidade onde mora a população pobre, onde os serviços de água, luz e saúde são muito difíceis.

Reciclagem - tirar uns dias para estudar um assunto; no caso do professor ou do Agente de saúde, aprender mais para ensinar mais.

Remédios tradicionais - são chás, rezas, benzeção, rituais de cura, óleos de plantas e de animais, etc... feito pela população indígena.

Sanitário - local onde se faz as necessidades fisiológicas (cagador)

Título Definitivo - é um documento expedido pela Prefeitura do município onde se comprou um terreno. Ao comprar uma casa ou um terreno devemos exigir o Título Definitivo (a Escritura).

Tuberculose - Doença transmitida por bactérias que atacam o pulmão, os nervos, rins, intestino, apresentando tosse, fraqueza, perda de peso, etc.

Valor cultural - são os valores, costumes e tradições de um povo: música, cantos, danças, festas, língua, comida, etc.

Zona Franca de Manaus - todas as atividades, os trabalhos feitos pelas empresas e fábricas do Distrito Industrial e as vendas feitas pelas lojas do Centro de Manaus.

Produção

Pastoral Indigenista de Manaus

Texto

Benedito Maciel, Tito Pedrosa da Silva, Rosinei Lima Martins

Ilustrações & Arte

J. Rosha

Apoio

Cáritas

Conselho Indigenista Missionário - Cimi Norte I (AM/RR)

Revisão

Renilde de Castro Queiroz Souza

Endereço

Av. Joaquim Nabuco, 1023 - Centro

69020-030 - Manaus - AM

Telefone: (92) 232-4758